

Mercado teme falta de crescimento

O que está por trás de todo o nervosismo dos bancos estrangeiros em relação ao Brasil é a sensação de que o crescimento econômico do país neste e no próximo ano está comprometido. É essa, na avaliação dos analistas, a principal preocupação contida nos relatórios divulgados pelo JP Morgan, Citibank e Merrill Lynch, que passou despercebida em meio ao nervosismo do mercado na semana passada e só pôde ser captada depois de uma leitura mais atenta e menos parcial dos documentos no final de semana.

Segundo o analista Mário Paiva, da Corretora Liquidez, os investidores temem que, com a economia patinando, como mostram os índices da produção, acabe ficando insustentável para o governo manter o compromisso de fazer superávit primário (receitas menos despesas, sem levar em conta os

gastos com juros) de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB) por um período mais longo.

"Quando a economia está crescendo, o superávit fica mais fácil. Mas o que estamos vendo é que o governo continua usando uma pesada carga de impostos para economizar os recursos necessários ao ajuste fiscal", afirmou. "Só que essa carga tributária tem efeitos perversos sobre a economia."

Para o economista-chefe da Consultoria Global Station, Marcelo Ávila, somente com o crescimento econômico o governo vai conseguir reverter uma das principais fragilidades do país: a relação da dívida pública com o PIB, que está girando em torno de 58%. Não adianta, segundo ele, o Tesouro Nacional reter 4,25% do PIB para pagar juros da dívida, se ainda sobra um rombo de quase 5% do Produto que são financiados com mais

endividamento. "A relação entre a dívida e o PIB só cairá quando a economia crescer de verdade, o que não estamos vendo neste momento", assinalou.

O quadro fica ainda mais complicado porque, com a economia estancada e a carga fiscal no limite, o governo está fazendo promessas de reajustes de salários para servidores além da inflação e criando despesas sem contrapartidas no Orçamento que beiram os R\$ 3,6 bilhões. "Assim, fica difícil para os investidores acreditarem que o ajuste das contas públicas será sustentável no longo prazo", afirmou Mário Paiva.

Greenspan

As muitas dúvidas em relação ao futuro da economia brasileira deixaram os investidores pouco animados para operar na segunda-feira. Tanto que a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fechou o dia com queda de 0,65%

e o C-Bond, principal título da dívida externa do país, perdeu 0,07% de seu valor, cotado a US\$ 0,944. Já o dólar recuou 0,03%, para R\$ 2,908, e o risco Brasil caiu 0,17%, para 595 pontos.

O mercado também se manteve arreio em virtude da expectativa em torno do discurso que Alan Greenspan, presidente do Federal Reserve, o BC dos Estados Unidos, fará amanhã (feriado de Tiradentes no Brasil) no Comitê de Economia do Senado. "Estão todos esperando para ver se Greenspan dará algum sinal de que os juros realmente vão subir nos EUA ainda no início do segundo semestre", disse o diretor de Tesouraria do Banco Brascan, Luiz Fernando Romano. No mercado, os investidores apostam que a taxa básica daquele país, que está em 1% ao ano, subirá 0,25 ponto percentual em setembro e 0,25 em dezembro. (VN)